

Mundos divididos – Imigrantes em Hamburgo

Saíram aos milhões pela “porta para o mundo”, de livre vontade ou involuntariamente. Mas muitos, vindos dos arredores ou de longe, fizeram desta cidade um mundo novo. A maior parte não se revela em números: Hamburgo continua a dar-se mal com os seus estrangeiros e a sua memória.

“Mundos divididos” faz lembrar que os *quiddjes*, ou seja recém-chegados, têm contribuído sempre para o progresso económico e cultural, tal como para a imagem de uma metrópole aberta ao mundo – e continuam a fazê-lo até hoje.

À base de raros documentos escritos e fotográficos da história remota da imigração de Hamburgo, documentos que mudam entre a perspectiva particular e pública, a exposição põe à luz o tempo da *Gastarbeit* (mão de obra a prazo) e da simples presença dos fugitivos dos nossos dias. Filmes multifacetados e uma apresentação descomunal fazem desta exposição uma experiência impressionante.

Quase 100 hamburguesas e hamburgueses de várias nações, etnias, camadas sociais e crenças deram a esta exposição voz e cara, memórias e objectos, imagens e documentos.

Mundos operários

Os imigrantes operários contratados nos anos 1955-73 já estão na história, na reforma, no desemprego ou voltaram para o seu país de origem. Assim o museu aproveitou a quase última oportunidade para registar e apresentar as histórias pessoais também desta “primeira geração”.

Desde o fim do recrutamento da mão de obra, as actividades profissionais dos imigrantes têm originado, de uma forma menos espectacular do que a gastronomia e o comércio retalhista, o “milagre económico”. Entretanto fazem parte disso as actividades como empregados, académicos e artistas, empreiteiros, além das actividades irregulares e, ainda, dos clássicos lugares de trabalho contratado.

A exposição relata acerca dos desafios do recrutamento, da perspectiva das firmas sobre os seus trabalhadores contratados, do trabalho masculino e das mulheres que saíram mais cedo, das qualificações trazidas que aqui não eram reconhecidas, dos esforços de homens que tinham de mudar radicalmente. Histórias de sucesso, não só de pais para filhos, são apresentadas em várias dimensões e formas.

Adeus à mala?

Desde a habitação provisória num lar ou num andar degradado até ao regresso cada vez mais adiado, há um longo caminho até ao "envelhecer no estrangeiro". Os protagonistas da exposição oferecem uma introspecção no processo multifacetado da adaptação ao país de acolhimento: desde utensílios trazidos, passando pela descoberta da cidade e dos tempos livres até ao instalar-se pessoalmente e dentro da comunidade. Conforme as possibilidades, a própria vontade ou a dos outros, as tradições e novas regras de comportamento que respeita as predisposições vindas da família. A importância de uma rede para afirmar-se si próprio e para vislumbrar caminhos próprios.

Um espaço aberto de encontro fomenta o convívio. Mas muito mais tinha que acontecer em prol da integração social; foi obra de iniciativas particulares, associações e fundos públicos.

Não se deve esquecer a situação inicial: as portas da cidade e uma "entrada de emergência" ditam até hoje os mecanismos patentes no comportamento face aos recém-chegados, no tratamento desigual e em situações precárias. Imagens de fotografos hamburgueses testemunham a resistência contra a discriminação.

Hamburgueses e hamburguesas

O que sobra da apresentação de culturas e de identidades fechadas? Que ninguém tem a obrigação de se inscrever, sem protestar, em nenhum círculo cultural ou de se sentir à vontade no "supermercado das identidades". Como é que se movimenta entre "pátria" e "em casa" e o que representa Hamburgo?

Numa visão artística com retratos fotográficos e com um passeio de táxi como pano de fundo os novo-hamburgueses acostam os visitantes e fazem aparecer o "hamburguês típico" numa luz diferente.

Os relatos falam da convivência social – de mundos divididos, em sentido positivo tal como negativo, à exploração dos quais a exposição quer convidar.